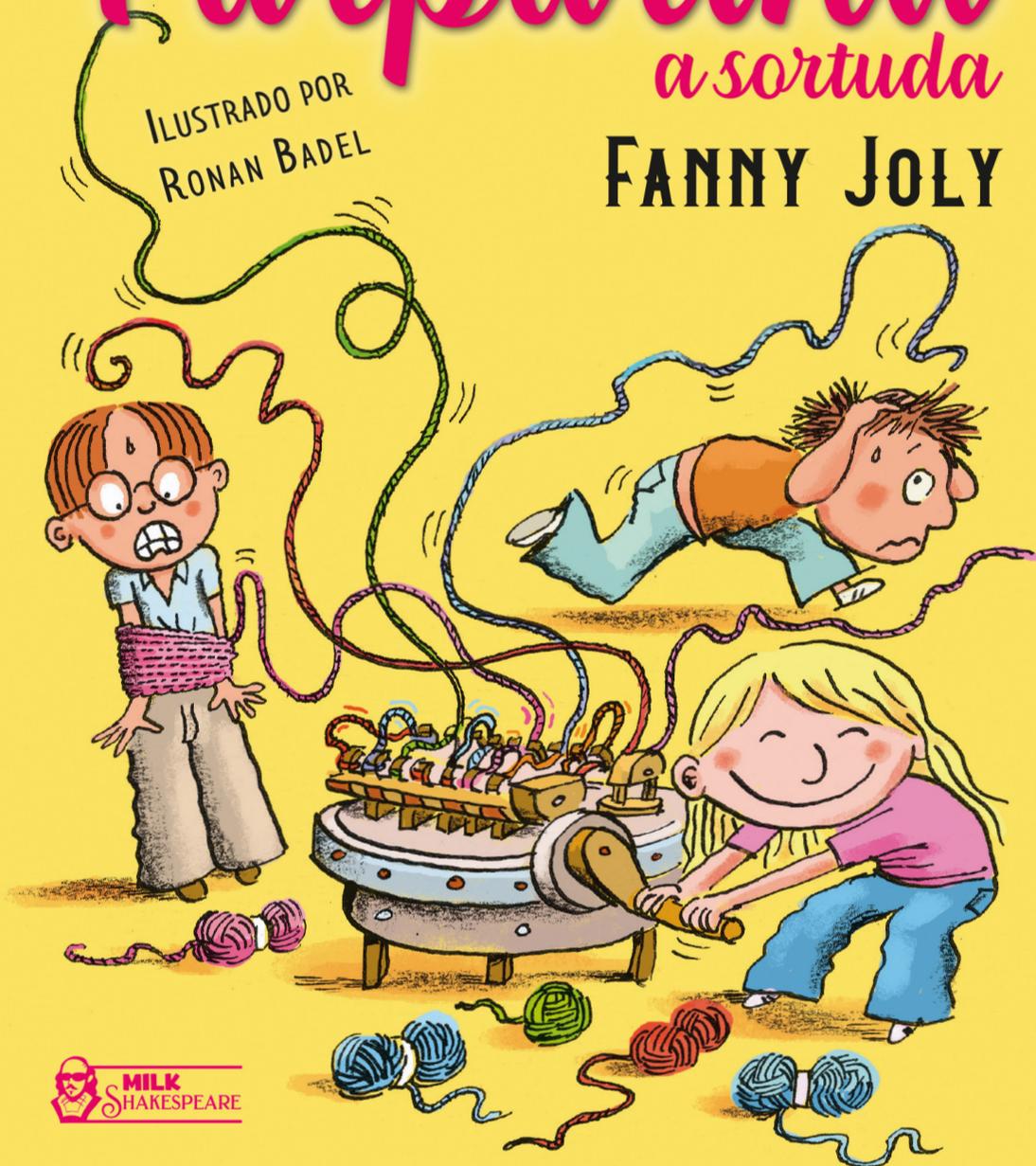


Angelina Purpurina

a sortuda

ILUSTRADO POR
RONAN BADEL

FANNY JOLY



Angelina Purpurina

a sortuda

FANNY JOLY

ILUSTRADO POR
RONAN BADEL

TRADUÇÃO
ANDRÉIA MANFRIN ALVES



Observe todos com atenção,
eles estão nestas histórias...

Vitor, o irmão
mais velho.



Angelina Purpurina,
conhecida como Pirralha.

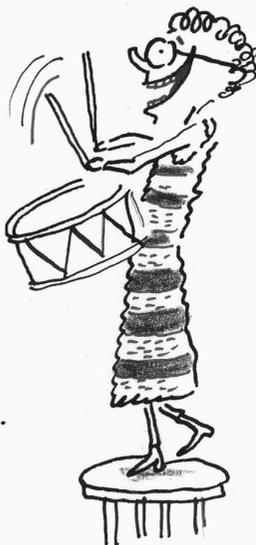
José-Máximo, o irmão do
meio, também chamado de
Zé-Max, JM ou Mad Max.



Pedro Quindim,
a paixonite.



Pedro Gomes.



Vanda, a
amiga da vovó.

1. TricôTurbo





Tem alguém aí?

ERA UM DOMINGO IDEAL. O CÉU DE JUNHO ESTAVA azul como um pijama de bebê gigante. O sol fazia o seu trabalho de sol, ou seja, brilhava, mas não muito. Prefiro assim: o calor enlouquecedor derrete os meus miolos. Eram onze da manhã. Umas nuvens pequenas passavam de vez em quando, só pra lembrar que nuvens existem. Mas elas não insistiam muito: desapareciam rapidinho atrás dos telhados dos vizinhos, da torre com o sino da igreja, das colinas lá longe...

Eu estava deitada na minha toalha de praia com flores cor-de-rosa (ela é nova, adoro!) bem no meio da sacada do quarto dos meus irmãos.

Antes de continuar, acho que é bom explicar duas ou três coisinhas, principalmente pra quem não me conhece. (O quê? Ainda tem alguém que não me conhece? Isso TEM que acabar! Estou brincandoooo.) É o seguinte:

- ★ Meu nome é Angelina Purpurina, tenho oito anos.
- ★ Tenho dois irmãos IRRITANTES, às vezes TERRIVELMENTE irritantes.
- ★ Eles se chamam José-Máximo (ou JM ou Mad Max), nove anos, e Vitor, onze anos.
- ★ A gente mora na cidade de Rigoleta, que fica perto do mar.
- ★ Nossa casa fica na rua dos Pinguins, 27.
- ★ Os meus irmãos dormem no mesmo quarto, que é esse que tem uma sacada.
- ★ Eu durmo sozinha. Não reclamo, ah, não mesmo! Se for pra ter um irmão na minha cola, prefiro não ter sacada.

Voltemos ao momento em que esta história começa. Os meus irmãos NÃO estavam no quarto deles, senão eu teria me mandado, lógico. Estavam enfiados na garagem, construindo um dos seus “projetos ultrassecretos”. Eles podem ficar lá cochichando os segredinhos deles que não tô nem aí. A única coisa que me interessa na vida é que aqueles dois me deixem em paz. Foi o caso naquele domingo, eu estava em paz como uma verdadeira rainha. A rainha de Rigoleta. Com o ouvido esquerdo, eu escutava o Vi e o JM baterem, serrarem e martelarem feito tontos. Com o ouvido direito, escutava Ratos Gordos, a banda de rock preferida do Vitor, no radinho dele, aquele que ele me proíbe de usar.



Um cheiro delicioso de aspargos subia da cozinha. Quando a mamãe cozinha aspargos, ela abre a janela porque acha que cheira mal. Não concordo. Amo esse cheiro, ele satisfaz as minhas narinas antes de me satisfazer de verdade. Adoro aspargos, e vocês?

Enfim.

O meu pensamento voava entre os aspargos e o menino mais maravilhoso da minha escola: o Pedro Quindim. Eu me imaginava escrevendo no céu a lista das qualidades dele:

- ✿ Ter um cheiro bom.
- ✿ Me escutar quando falo.
- ✿ Ter cara de que acha as minhas palavras muito interessantes.
- ✿ Estar sempre bem penteado.
- ✿ Vestir quase sempre azul, a cor que mais combina com rosa, que é a minha cor predileta.
- ✿ Ser perfeito.
- ✿ Ser insuperável em...

De repente o portão bateu.

— Tem alguém aí? — A vovó avançava no jardim, debaixo de um chapéu coberto de pompons marrons (a cor preferida dela, a cor que mais detesto).

Um outro chapéu de pompons (violeta) a acompanhava...

A mamãe apareceu na entrada.

— Margarida, que surpresa!

— Você não está vestida, Sabrina?

— Como assim? — a mamãe estranhou.

O nome dela é mesmo Sabrina, mas ela tava vestida debaixo do avental.

A vovó não parecia muito contente.

— É bom lembrar que a Lulu atravessou o país SÓ PRA ISSO!

O chapéu violeta subiu. Embaixo dele avistei a melhor amiga da vovó, a Lucília Balotino (apelido Lulu).

— Ah, o seu filho comeu bola, Margarida... — Ela suspirou. (“Comer bola” significa “esquecer”, ser “desatento”. Aprendi isso depois.)

Eu não tava entendendo direito, mas tinha cheiro de confusão misturado com o dos aspargos.

— PATRÍCIO! — a mamãe chamou pelo papai, meio que em pânico, deu pra notar.

Peguei a minha canga e desci rapidinho. As coisas continuaram rapidinho também. Explicação: naquele domingo, dia 13 de junho, era a festa do CTR,

o Clube de Tricô de Rigoleta (que a vovó frequenta). Por isso a Lucília tinha vindo. Antes de se mudar de Rigoleta, ela fazia parte desse clube. A vovó repetiu várias vezes que avisou o papai no COMEÇO DE FEVEREIRO pra ele marcar o dia 13 de junho com caneta vermelha fosforescente no calendário, mas ele esqueceu (de todo modo, acho que não existe vermelho fosforescente; pelo menos a gente não tem uma caneta dessa cor). Então, o papai levou uma bronca como se tivesse oito anos. E ele baixou a cabeça como se tivesse sete, ou até seis...

— Bom, nós estamos indo! Não demorem pra nos encontrar, e BEM arrumados! — E depois de dar a ordem, a vovó pegou no braço da amiga.

A mamãe correu pra buscar os meus irmãos na garagem.

— Obrigados?! Não tô acreditado! Somos O-BRI-GA-DOS?! — O JM fez uma careta.

O Vi tentou escapar falando que tinha que estudar (desde que foi pro quinto ano, o senhorito se acha o primeiro-ministro).

— Silêncio! Vão AGORA se arrumar! — o papai interrompeu.

Subi pra colocar o meu vestido mais bonito, um de bolinhas, de princesa. Como sou muito legal, vesti a blusa cor de cocô de galinha que a vovó me deu no Natal por cima do vestido. A minha ideia era tirar assim que ela o reconhecesse. Gosto muito da minha avó, mas se ela tricotasse menos blusas pra mim, eu ia gostar mais ainda. Só que isso não vai acontecer porque ela adora tricotar, e ninguém tem coragem de dizer que as blusas que ela tricota são horrorosas.

— Rá, você tá ridícula! — o Vi me falou quando descí as escadas.



— Não sou eu, é a minha blusa, e coloquei pra deixar a vovó contente, que isso fique claro!

— Blá-blá-blá, Pirralha baba-ovo! — O Max me mostrou a língua.

— COMO É?! — rosnei.

Ele não teve coragem de repetir, porque os nossos pais estavam chegando. Mas não me intimidei. Ora! Há limites, né?

— Papai e mamãe, vocês ouviram? OS SEUS FILHOS me chamaram de PIRRALHA BABA-OVO porque coloquei a minha blusa pra deixar a nossa querida avó feliz.

O meu irmão mais velho só teve tempo de me sussurrar de boca quase fechada: “E e aga!” (tradução: “Você me paga”). Eles levaram uma ESFREGA! Eu sei: não é uma palavra muito bonita, mas não tem outra...



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2023